

EXEMPLOS DE ANÁLISES RUPESTRES PUNCTUAIS

André Prous\*

I - ANÁLISE DE UMA CATEGORIA TIPOLOGICA  
Exemplo das figuras "tipo Caboclo"

Escolhemos figuras geométricas complexas encontradas no norte de Minas Gerais e nas regiões vizinhas da Bahia (Januária, Montalvânia, Varzelândia, Carinhanha).

São superfícies geométricas delimitadas por uma linha (geralmente vermelha) com interior amarelo (normalmente chapado) decorada por motivos geométricos em cor vermelha, preta ou creme. No vale do rio Peruaçu, corresponderiam a um aspecto da Tradição São Francisco que foi chamado em 1980 "estilo Caboclo". Nos sítios onde aparecem, estas figuras tanto podem estar isoladas (Lapa dos Desenhos) como agrupadas em conjuntos com várias dezenas de unidades (Lapas do Malhador e do Caboclo). Analisaremos aqui brevemente as figuras "Caboclo" de sítios vizinhos (Caboclo, Malhador, Janelão, Gongolo, Rezar, Piolho do Urubu, Pingo II, Desenhos e Cavalos), mostrando como isto pode levar a formular hipóteses quanto à cronologia ou ao parentesco entre os sítios no momento da elaboração desses grafismos.

O primeiro passo foi elaborar um vocabulário descritivo, para se obter uma tipologia. Os critérios (fig. 1), hierarquizados, incluem a existência ou não de um fundo chapado, o tipo de simetria do conjunto da figura (número de eixos de simetria, ausência de simetria), a existência de compartimentação, o tipo de sime-

\* Setor de Arqueologia e Dept<sup>o</sup> Sociol./Antrop. UFMG; Bolsista do CNPq; Mission Archéologique Française du Minas Gerais.

tria interna (por translação, espelhada, por rotação, ou com progressão livre), o tipo de elementos geométricos internos e sua densidade, assim como o número de cores utilizadas.

O estudo das quase 150 figuras levantadas levou a estabelecer famílias cuja posição, presença ou frequência em cada painel de cada sítio permitiu definir constantes e variáveis no tratamento das figuras, possibilitando a busca do significado semântico.

Alguns resultados entre outros, podem servir de exemplos.

a) certas formas externas são associadas a um determinado tipo de preenchimento ou vice-versa; por exemplo, os retângulos com o lado maior comprido e horizontal receberão um preenchimento com triângulos em posição alternada; formas trilobuladas serão preenchidas apenas por pontos e/ou traços lineares. Na Lapa do Caboclo, um tipo de preenchimento com quadrados coincide com uma ausência de contorno externo no lado direito da figura (fig. 2e).

b) Dentro de uma mesma figura, certos tipos de preenchimento podem ser exclusivos (ou substitutivos) um do outro. Por exemplo, os pontos não acompanham os triângulos nas figuras retangulares da Lapa do Caboclo, nem nos retângulos verticais do Malhador XI; porém, neste último painel, pontos e triângulos se combinam nos retângulos horizontais. Na Lapa do Caboclo, as formas raras (fig. 2a e 2b) nunca acompanham triângulos, aos quais provavelmente substituem. Aliás, no mesmo sítio, a maioria das formas não admite preenchimento com triângulos.

c) Certos sítios tem a exclusividade de uma "família" morfológica ou de um tipo de preenchimento. No caso de "família morfológica", somente na Lapa do Caboclo existem (e em grande quantidade) figuras de contorno dissimétricas com apêndices ou com um único eixo de simetria (fig. 2a). No caso de tipos de contorno, vemos por exemplo, que, na Lapa do Janelão, o fundo amarelo não é chapado mas formado por uma rede de linhas amarelas; no Gongolo, os elementos de preenchimento têm uma forma original: são extremamente densos e sua disposição não obedece a um padrão reconhecível (fig. 2c). No Pingo II e no Malhador (painel "o") existe uma "pseudobicromia", uma figura monocromica sendo colocada acima de partes da rocha que apresentam naturalmente uma cor distinta dos arredores, sugerindo bicromia.

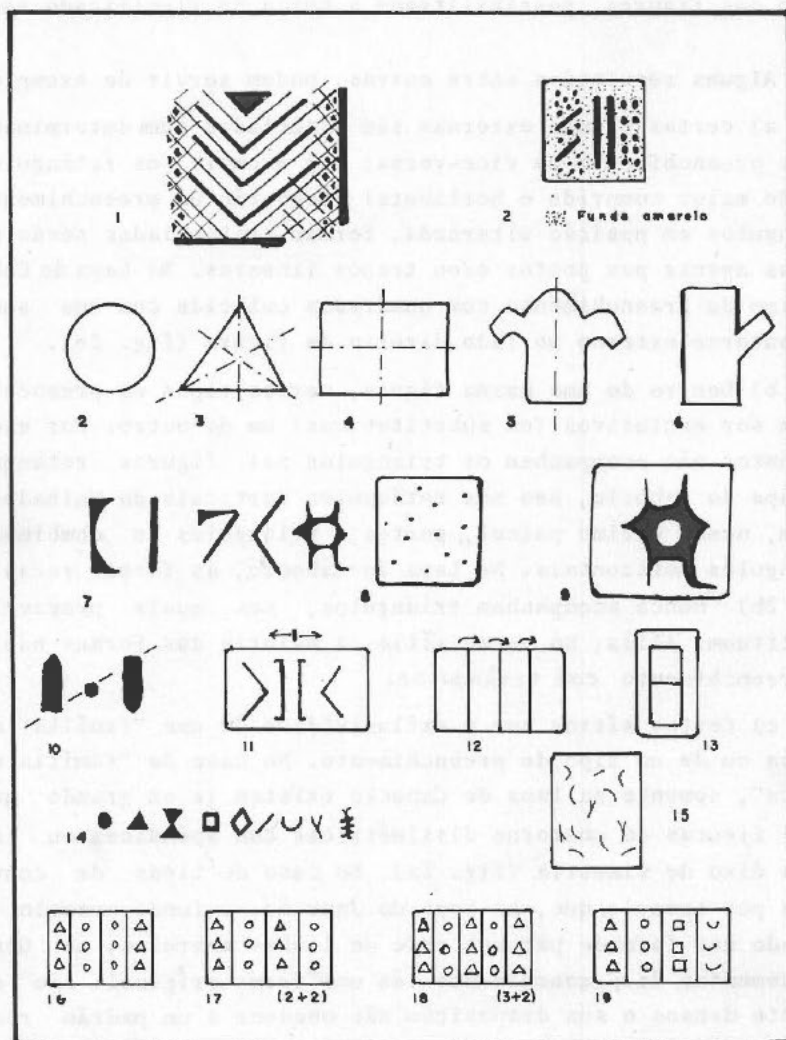


FIG. 1 A

FIG. 1 A

CLASSIFICAÇÃO PROVISÓRIA DAS FIGURAS DE TIPO CABOCLO

FUNDO

Formado por linhas finas paralelas c/ pastilhas de cor  
(fig. 1) sem pastilhas

Chapado (amarelo)

FORMA GERAL DA FIGURA

EIXOS DE SIMETRIA:

- nº infinito de eixos (2)
- 3 eixos de simetria (3)
- 2 eixos de simetria (4)
- 1 eixo de simetria (5)
- sem eixo de simetria, com apêndice (6)

DIVISÃO GERAL DA FIGURA (Compartimentação)

ELEMENTOS DE COMPARTIMENTAÇÃO (fig. 7)

ORGANIZAÇÃO GERAL:

- Sem compartimentação (8)
- Elemento central (9)
- Elementos repetitivos:
  - . c/ simetria rotativa (10)
  - . c/ simetria espelhada (11)
  - . c/ simetria de translação (12)

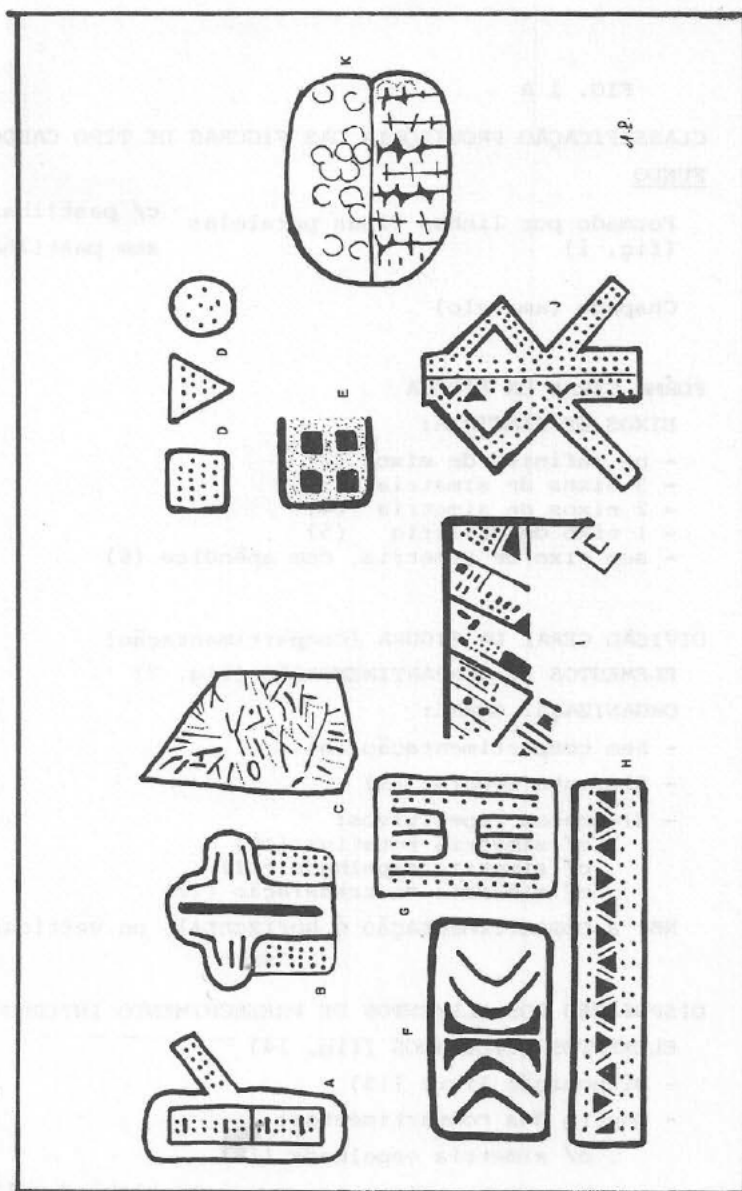
NB: a compartimentação é horizontal, ou vertical (13)

DISPOSIÇÃO DOS ELEMENTOS DE PREENCHIMENTO INTERNO

ELEMENTOS UTILIZADOS (fig. 14)

- Disposição livre (15)
- Dentro dos compartimentos:
  - . c/ simetria espelhada (16)
  - . c/ simetria de translação equilibrada (17)
  - . c/ simetria de translação não equilibrada (18)
  - . progressão (qualitativamente) livre (19)

FIG. 2 A - TIPOS RAROS DE FIGURAS DA  
CATEGORIA "CABOCLO"



Desenhos aproximativos, segundo fotografias e calques - O fundo amarelo não foi representado, a não ser para a figura E.

Fig 2B EX. DE PREENCHIMENTO/FORMA (Lapa do Caboclo Painel III)

Preenchimento Forma Fig	Divisórias		●	▲	⊗	◆	◇	/	∪	∩	■	✱	■0
		>											
□			●			●				●			710 a
			●			●				●			710 b
			●										664
			●								●		.2 b
			●						●				.10
			●	■									223
○			●										.21
			●										848
			●										829
			●										678
			●										.196
○			●										.878
			●										630
			●										898
			●										.857
○			●										885
			●										.8
			●										717
			●										689
			●										623
			●										622
			●										224
○			●										.7
			●										.8
			●										425
			●										189
			●										.2
○			●										198
			●										.14
			●										805
○			●										803
			●										810
			●										623
○			●										683
			●										.6
			●										629
○			●										197
			●										.21
			●										954
			●										912
			●										732
			●										850
			●										891
			●										632
			●										.4
			●										804
○			●										.25
			●										.1
○													

■ 1 Caso ● Vários Casos

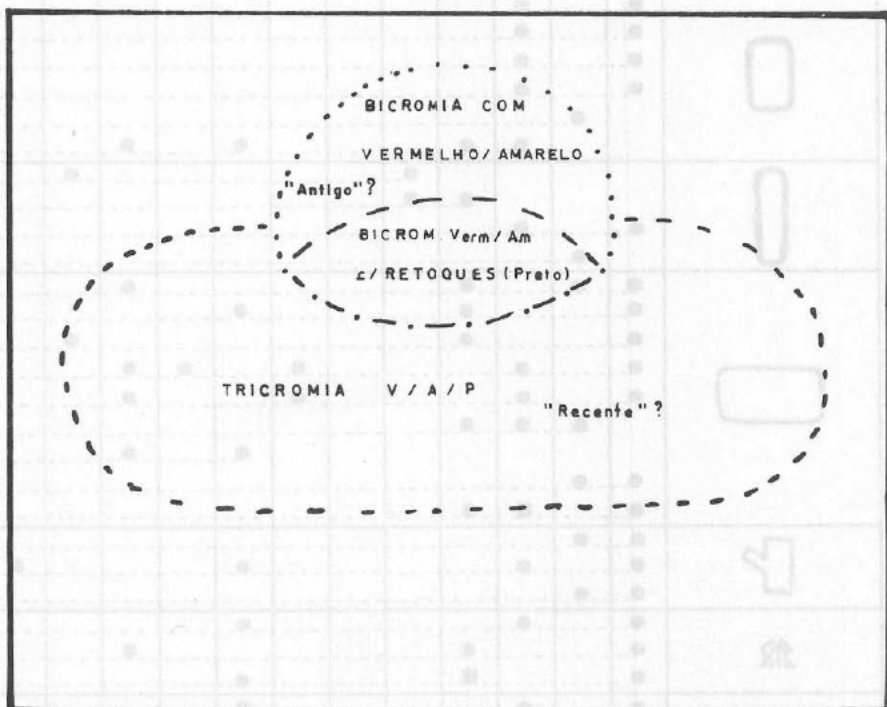
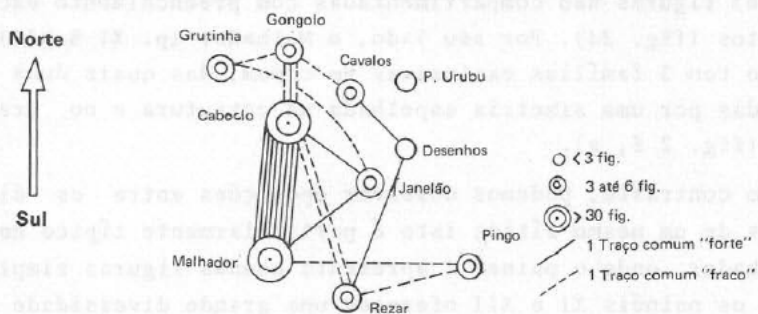


FIG. 2 - C - TENTATIVA DE CRONOLOGIA RELATIVA DAS FIGURAS  
"CABOCLO" NO PAINEL 11 DA LAPA DO MALHADOR  
A PARTIR DO CROMATISMO.

Fig 3  
PONTOS SELECIONADOS DE PARENTESCO ENTRE SÍTIOS C/ FIGURAS DE TIPO "CABOCLO"



Sítios	Preench	■	> <	▲	≡	△	Pre livre	Preto	fundo lin.
Pingo	■							*	
Caboclo							*	*	
Malhador							*		
Gongolo									
Grutinha									
Janelão									

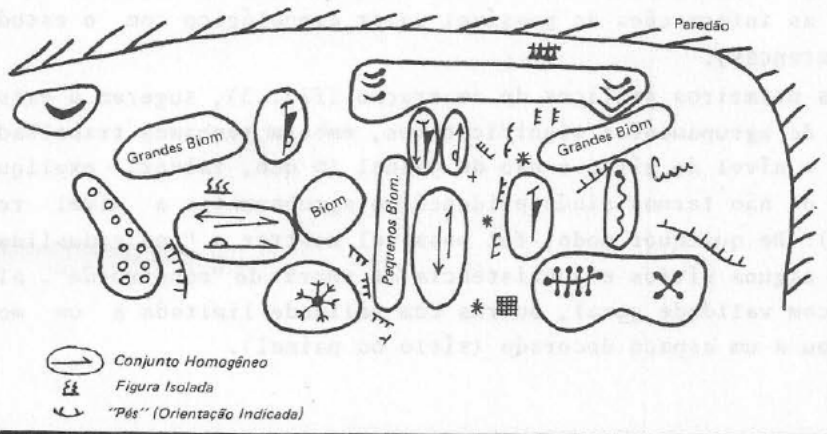
Tipo de Preenchimento

Forma Sítio	○	□	▲	↑	✚	Dissim.
Cavalos						
Rezar						
Malhador			*	*	*	
Caboclo						
Pingo 11						
Grutinha						

Formas Raras

\* Caso Isolado

Fig 6 DISPOSIÇÃO DOS TEMAS GRAVADOS (Painel Grande V "Poseidon") EM MONTALVÂNIA





d) Em outros casos, são grupos de sítios que se opõem a outros: por exemplo, no painel I do Malhador, na Lapa dos Cavalos (painel IV D) e no Piolho do Urubu, dominam (ou aparecem exclusivamente) figuras não compartimentadas com preenchimento exclusivo de pontos (fig. 2d). Por seu lado, o Malhador (p. XI & XII) e o Caboclo tem 3 famílias exclusivas em comum, das quais duas caracterizadas por uma simetria espelhada na estrutura e no preenchimento (fig. 2 f, g).

Em contraste, podemos observar oposições entre os diversos painéis de um mesmo sítio; isto é particularmente típico no caso do Malhador, onde o painel I apresenta apenas figuras simples, enquanto os painéis XI e XII oferecem uma grande diversidade de famílias. O preto não existe nas figuras "Caboclo" do painel I, mas dominam no painel XI, aparecendo raramente no XII.

A cor preta nos leva inclusive a problemas de ordem cronológica. Com efeito, há evidências em algumas figuras do Malhador e do Caboclo que os detalhes em preto foram acrescentados mais tarde às figuras anteriormente pintadas apenas em vermelho e amarelo; por outro lado, no painel XI do Malhador, as figuras com elementos pretos são periféricas em relação às bicrômicas, reforçando a impressão que estas são muito antigas, e que aquelas foram pintadas mais tarde nos espaços ainda livres (fig. 2 l).

Estes elementos de comparação, e outros mais, servirão mais tarde para definir o parentesco formal entre os sítios, ou entre painéis dos diversos sítios, a partir do número de "amarrações" notadas. Desta forma, poderemos tentar definir "territórios" (a partir das semelhanças estilísticas) e, talvez, evoluções ("cruzando" as informações de possível valor cronológico com o estudo de diferenças).

Os primeiros gráficos de amarração (fig. 3), sugerem a existência de agrupamentos significativos, embora tenhamos trabalhado apenas a nível de sítio e não de painel (o que, talvez, explique o fato de não termos ainda evidenciado agrupamentos a nível regional). De qualquer modo, foi possível mostrar a "individualidade" de alguns sítios e a existência de regras de "construção", algumas com validade geral, outras com validade limitada a um momento ou a um espaço decorado (sítio ou painel).

## II - ANÁLISE DA RELAÇÃO ALTURA ACIMA DO CHÃO/DIMENSÕES DOS GRAFISMOS DE TIPO "CARTUCHO" DA LAPA DO MALHADOR

Os "cartuchos" são figuras ovóides alongadas que incluem três variedades: cartuchos monocromáticos (chapados, ou apenas com contorno pintado e centro "vazio") e cartuchos bicromáticos, com contorno de uma cor (vermelha no sítio escolhido como exemplo) e fundo chapado (amarelo ou branco, neste caso).

Analisamos, painel por painel, a posição e as dimensões dos sessenta cartuchos da Lapa do Malhador.

Numa primeira etapa, comparamos a altura acima do solo (aproximativa) e a maior dimensão dos cartuchos, separando estes apenas em mono e bicromáticos (fig. 4). Analizamos quatro painéis (dois altos, e dois baixos).

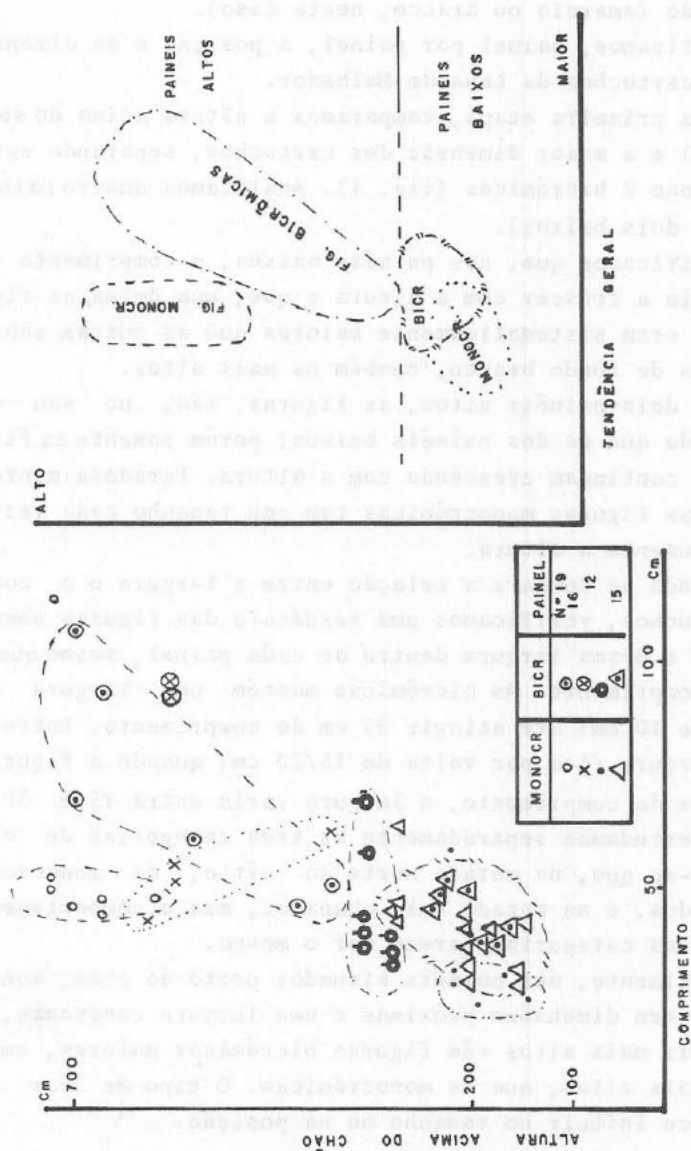
Verificamos que, nos painéis baixos, o comprimento das figuras tendia a crescer com a altura e que, num deles, as figuras bicromáticas eram sistematicamente maiores que as outras, sobretudo os cartuchos de fundo branco, também os mais altos.

Nos dois painéis altos, as figuras são, no seu conjunto, maiores do que as dos painéis baixos; porém somente as figuras bicromáticas continuam crescendo com a altura. Paradoxalmente, num dos painéis as figuras monocromáticas tem seu tamanho cada vez menor enquanto aumenta a altura.

Quando se compara a relação entre a largura e o comprimento dos cartuchos, verificamos uma *tendência* das figuras monocromáticas a manter a mesma largura dentro de cada painel, mesmo quando cresce seu comprimento. As bicromáticas mantêm uma largura constante (cerca de 10 cm) até atingir 35 cm de comprimento. Entre 35 e 70 cm, a largura fica por volta de 15/20 cm; quando a figura ultrapassa 1 m de comprimento, a largura varia entre 15 e 30 cm. Na fig. 5, estudamos separadamente as três categorias de cartuchos. Verifica-se que, na metade norte do sítio, os monocromáticos são contornados, e na metade sul, chapados, mas o comportamento geral destas duas categorias parece ser o mesmo.

Finalmente, nos painéis situados perto do chão, mono e bicromáticos tem dimensões próximas e uma largura constante, enquanto os painéis mais altos têm figuras bicromáticas maiores, embora nem sempre mais altas, que as monocromáticas. O tipo de cor utilizado não parece influir no tamanho ou na posição.

FIG. 4 - "CARTUCHOS" DA LAPA DO MALHADOR  
 RELAÇÃO ENTRE A ALTURA DA FIGURA  
 ACIMA DO CHÃO E O SEU COMPRIMENTO



No painel (baixo) XII, os monocromáticos estão mais baixo que os bicromáticos, sem que haja diferença significativa de tamanho. No painel (baixo) XV, as alturas são as mesmas, porém os bicromáticos são maiores que os monocromáticos.

### III - ANÁLISE DA REPARTIÇÃO DAS FIGURAS NUM PAINEL (GRAVURAS OU PINTURAS)

Escolhemos dois exemplos: o primeiro (gravuras de Poseidon-Montalvânia) trata de gravuras aparentemente feitas durante uma mesma fase (mesma patina); no segundo exemplo (pinturas do Janelão) se verifica a existência de vários momentos de decoração, envolvendo pelo menos duas Tradições distintas.

a) Gravuras do painel norte (G 5) de Poseidon: o aspecto espacial

Quando depara-se com os conjuntos de gravuras de Montalvânia surge uma impressão de confusão, pela grande densidade de figuras (as quais, no entanto, raramente se sobrepõem).

No entanto, uma análise, mesmo superficial, dos documentos de prospecção (notas e fotos) evidenciam uma certa lógica, mostrando que as figuras não foram colocadas ao acaso. No painel G 5 do Poseidon, mais de 300 figuras foram observadas a partir das fotografias; verificamos que a maioria dos grafismos pode ser agrupados em poucas famílias morfológicas, as quais não se repartem aleatoriamente na superfície decorada, mas ocupam espaços relativamente bem definidos (fig. 6). É assim que sinais geométricos com traços concêntricos em "V" ou "U" ocupam o fundo do abrigo; dois tipos de figuras geométricas se agrupam nas extremidades à direita (linhas terminadas por "bolinhas") e à esquerda (círculos), enquanto a parte central do conjunto é ocupada por concentrações de figuras aparentadas entre si: seja propulsores (com separação entre "propulsores largos" e "propulsores finos"), cobras, animais, biomorfos com três variedades.

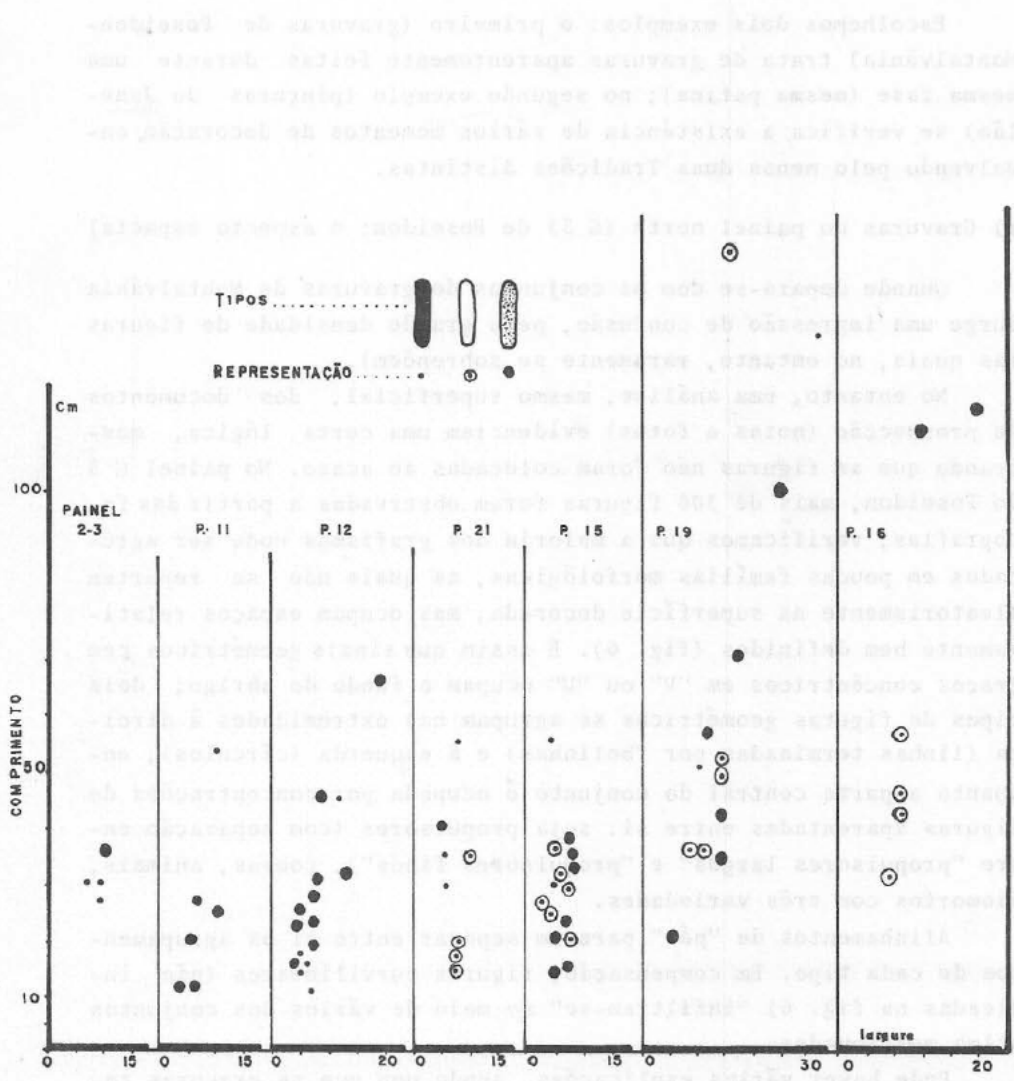
Alinhamentos de "pés" parecem separar entre si os agrupamentos de cada tipo. Em compensação, figuras curvilineares (não indicadas na fig. 6) "infiltram-se" no meio de vários dos conjuntos acima mencionados.

Pode haver várias explicações, sendo uma que as gravuras teriam sido feitas aos poucos, cada vez se picoteando pertencendo a

*Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:*

No painel (painel) XII as associações entre as peças são  
 diferentes, sem que haja diferença significativa de tamanho. No  
 painel (painel) XI, as peças são as mesmas, porém as associações  
 são maiores que as anteriores.

FIG. 5 - "CARTUCHOS" DA LAPA DO MALHADOR.  
 RELAÇÃO COMPRIMENTO / LARGURA, POR PAINEL



um único tema, realizado no "jeito" do momento, ou de um grupo social (segmento classificatório, ou "escola" estilística?). Cada novo conjunto teria sido acrescentado num espaço novo, respeitando-se no entanto algumas normas em relação à topografia. O sentido desta progressão deveria ser testado, podendo sugerir hipóteses a respeito da evolução da temática.

b) Pinturas do Painel 5 do abrigo do Janelão: o aspecto cronológico

Trata-se de um pequeno painel, isolado por escorrimentos de calcita, com grafismos "antigos" pertencendo a Tradição São Francisco (geométricos com bicromia), outros recentes da Tradição Nordeste (cenas de ação e zoomorfos amarelos) além de figuras biomorfas monocromáticas ou raspadas que parecem cronologicamente intermediárias, sobrepondo os grafismos São Francisco.

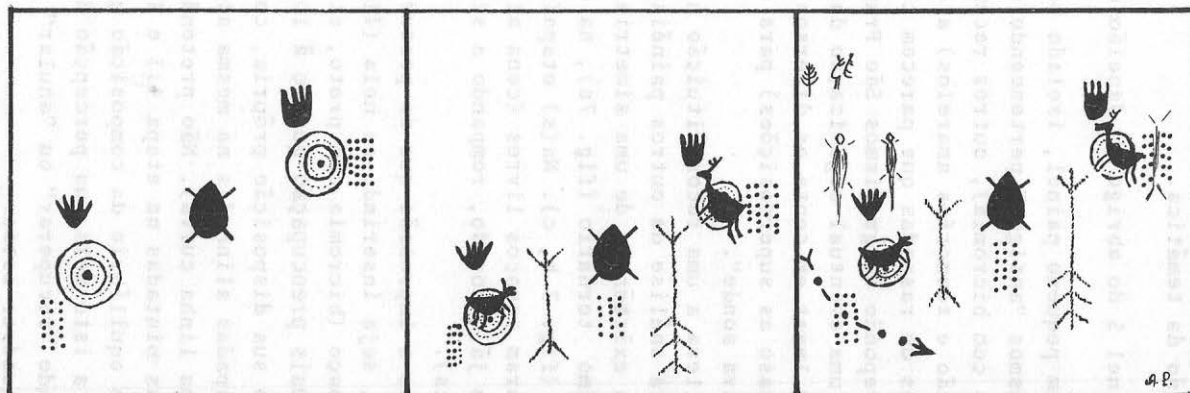
Para estudar uma eventual organização das figuras no painel é portanto preciso levar em conta os diversos níveis temporais (utilizando, neste caso as superposições) para saber, para cada momento, "o que estava aonde".

Esta análise leva a uma reconstituição hipotética que deverá ser confirmada pela análise de outros painéis.

Verifica-se a existência de uma simetria original no centro do painel, com ritmo ternário (fig. 7a), na qual se inserem as figuras seguintes (fig. 7 b, c). Na(s) etapa(s) seguinte(s) grafismos novos procuram espaços livres (cena alta) ou invadem parcialmente o espaço já decorado, rompendo a simetria da parte central (etapas finais).

Temos portanto a impressão que se procurou originalmente respeitar a simetria, seja inserindo-se nela (III e IV), seja procurando um outro espaço (bicromia com preto, etapa *provável* II). Naturalmente, não há mais preocupação quanto à localização das novas figuras, que terão sua disposição própria, com "lógica" independente (figuras raspadas alinhadas na mesma altura, miniaturas vermelhas seguindo uma linha curva). Não pretendemos afirmar que os autores das figuras pintadas na etapa III e IV tenham conscientemente conservado o equilíbrio da composição geral, mas foram, no mínimo, induzidos a isto pela sua percepção do espaço, a não ser que tenham, desejado "recuperar" ou "anular" as figuras antigas ao sobrepor ou enquadrar estas.

FIG. 7 - PARTE CENTRAL DO PAINEL 5 DA LAPA DO JANELÃO



Etapa(s) 1 - (2)

Trad. S. Francisco

Simetria original

Etapa(s) 3 - (4)

Simetria mantida

Etapa(s) finais 5 - 6 (7)

Simetria desprezada

#### IV - ANÁLISE COMPARATIVA DA LOCALIZAÇÃO GERAL DOS GRAFISMOS DE VÁRIAS TRADIÇÕES NOS SÍTIOS DE JANUÁRIA-ITACARAMBI

##### A escolha do suporte

Tomamos o exemplo das Tradições "Nordeste", "Desenhos" e "São Francisco" no Vale do Peruaçu. As figuras da Tradição Nordeste nesta região são aparentadas às do complexo "Serra Talhada" de N. Guidon, com grafismos minúsculos (2/10 cm) mostrando cenas com antropomorfos ou alinhamentos de animais. Geralmente pretas, as figuras podem, excepcionalmente, ser vermelhas ou amarelas.

Estudaremos aqui as posições dessas figuras em relação ao suporte e à topografia do sítio, comparando com as dos grafismos da Tradição São Francisco, que co-existem ou não às duas Tradições no mesmo sítio (ver fig. 8).

A observação do quadro mostra claramente o que já era sentido durante as prospecções: a Tradição Nordeste se manifesta em painéis (ou cantos de painéis) laterais e/ou baixos, onde seus grafismos não encontram a concorrência de figuras de outra Tradição. Aceita utilizar suportes irregulares (pouco lisos, estriados, rugosos ou calcitados) e pequenos, ou pequenas superfícies lisas isoladas, no meio de superfícies irregulares.

Geralmente, aparece em sítios ou painéis já previamente utilizados pelos autores da Tradição São Francisco, os quais deixaram poucos locais "atraentes" livres. No entanto, os "Nordeste" às vezes utilizavam pequenos painéis, em sítios não ocupados anteriormente (Limoeiro, Paredão Vermelho). Mesmo assim se limitaram a pintar poucos grafismos até quando existiam grandes painéis livres e lisos (Morro de Itacarambi). De maneira geral, os grafismos "Nordeste" ou se concentram em espaços pequenos (Lapa dos Desenhos, Malhador) ou se espalham numa multiplicidade de microconjuntos no meio de suportes irregulares (Cavalos I, painel VI do Janelão). De qualquer maneira, os grafismos são "discretos" tanto pelo número e pela cor (preto diluído, pouco visível) quanto pelo tamanho e a localização. A única exceção é a dos painéis superiores do Janelão, onde houve uma "colonização" em massa, inúmeras figurinhas pretas sobrepondo-se aos grafismos São Francisco, os quais não chegam (nem procuram) no entanto mascarar.

A Tradição São Francisco tem um comportamento oposto: escolhe painéis lisos e bem visíveis, ocupando-os na sua totalidade



FIG. 8 - Comportamento de 2 Tradições em relação ao suporte, no Vale do Peruçu

Atributos	Sítios		Sítios								Painel posição				Posição no Painel		Painel				
	Trad. Nord. exclusiva no sítio	São Francisco presente	Trad. Nord. exclusiva no local	T. Nord. + S. Franc. no local	T. Nordeste	S. Francisco	T. Nordeste	S. Francisco	T. Nordeste	S. Francisco	T. Nordeste	S. Francisco	T. Nordeste	S. Francisco	T. Nordeste	S. Francisco	T. Nordeste	S. Francisco			
Desenhos																				NE SF	
Cavalos I																					
Malhador																					
Janelão inf.																					
Janelão sup.																					NE SF
Limoeiro																					
Gruta Verde	?																				
Bichos																					?
Morro de Itacarambi (10 sítios)					*	*															
Caboclo		*																			NE SF
Pedro Silva II				?		?															
Lourenço																					

■ presença do atributo

? falta informação

\* casos raros

ou, pelo menos, na sua parte central, desde pouca altura acima do chão até 18 m de altura. As figuras são bem visíveis, tanto pelo seu tamanho (que pode aumentar com a distância da qual devem ser vistas, quando altas) quanto pelas cores (vermelho e amarelo dominantes; preto "forte" e branco mais raramente).

Nota-se enfim que em dois dos três sítios onde os grafismos "Nordeste" tem um comportamento "desviante", existe apenas uma ou duas figuras desta Tradição (Caboclo e Lourenço), enquanto, no terceiro, estamos nos deparando com uma exceção tão grande, que justifica um estudo detalhado que não era previsto no programa inicial de pesquisa (Lapa do Janelão).

A originalidade do comportamento "discreto" dos grafismos "Nordeste" aparece melhor, quando comparada à atitude de outros conjuntos rupestres, como a "Tradição Desenhos", cujas gravuras naturalistas foram picotadas em zonas baixas, porém no centro de painéis lisos, depois de se "apagar" as manifestações de tipo São Francisco com uma mão de tinta vermelha (Lapas do Caboclo, dos Desenhos, do Janelão).

Na ausência no local de pinturas anteriores, as gravuras são picoteadas diretamente na rocha, sem aplicação prévia de pigmento vermelho (Boquete) comprovando o fato que a cor vermelha não se destinava a ressaltar por contraste a gravura, mas visava reservar a estas o monopólio da visibilidade.

#### V - ANÁLISE TIPOLOGICA COMPARATIVA ENTRE UNIDADES DESCRITIVAS (SÍTIOS, PAINÉIS OU NÍVEIS CRONOLÓGICOS) NA REGIÃO DE JANUÁRIA

Até agora, as descrições tipológicas de sítios rupestres brasileiros foram sobretudo qualitativas; quando "porcentagens" de categoria de figuras são mencionadas, estes dados são apresentados praticamente sem comentários, e fica difícil aproveitá-los.

Pretendemos mostrar aqui como representações gráficas simples permitiriam caracterizar e comparar facilmente entre si unidades estilísticas ou descritivas.

Para isto, elaboramos um quadro (ainda em fase de teste) dos grafismos encontrados no Vale do Peruacũ que conta com uma centena de tipos. Depois de testado, pretendemos utilizá-lo num gráfico cumulativo (semelhante ao que se usa desde os trabalhos de F. Bordes para comparar as indústrias líticas do Velho Mundo). Para ilustrar a presente fase da pesquisa agrupamos os tipos em dez-

seis grandes famílias, sendo que apenas estas serão utilizadas aqui.

A fig. 9 apresenta os grafismos cumulativos de alguns painéis do abrigo "Malhador", cujos grafismos pertencem, na sua grande maioria, à Tradição São Francisco. A curva cumulativa mostra uma grande homogeneidade na distribuição percentual das famílias.

As pequenas diferenças são facilmente explicáveis e trazem, na verdade, informações interessantes; por exemplo, os "cartuchos" são numerosos nos painéis muito altos (XVI e XVII) onde a tipologia é pouco variada, e exclui a presença de figuras tipo "Caboclo". No conjunto dos painéis, as famílias bem representadas são apenas as de nº 7 a 14 (conjunto típico da Tradição São Francisco). O painel XII evidencia a presença de algumas figuras do conjunto 1-7, mas quando se verifica as características deste enorme painel, observa-se que vários destes grafismos (família I, por ex.) são sobrepostos às das famílias "clássicas" São Francisco, sendo provavelmente posteriores.

A fig. 10 mostra a impressionante homogeneidade de muitos dos dezesseis painéis da Lapa do Boquete, todos pertencendo à Tradição São Francisco.

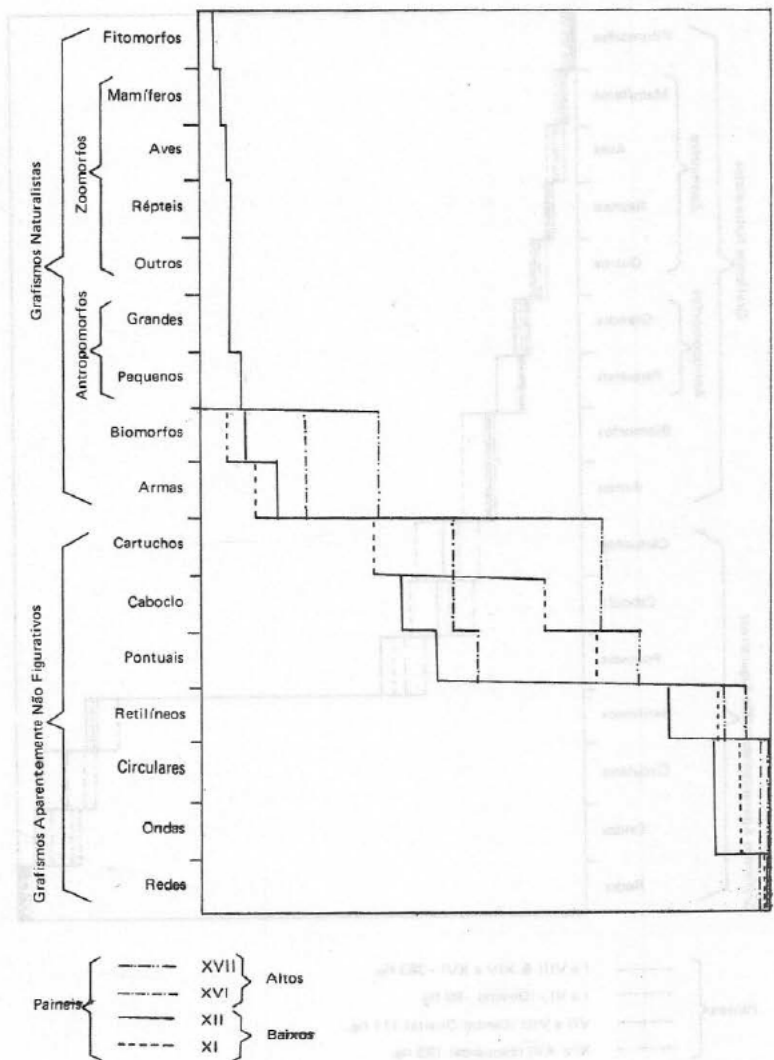
A fig. 11 mostra a análise diferencial do painel I da Lapa dos Desenhos, onde quatro níveis cronológicos estilísticos são perfeitamente discerníveis. Neste caso, a realização da curva cumulativa geral mostraria um perfil atípico, característico de um painel onde várias tradições se misturam; em compensação, curvas realizadas para cada nível cronológico evidenciam quantitativa e qualitativamente a originalidade de cada um: a Tradição "Nordeste" mostra quase exclusivamente grafismos das famílias 7 (pequenos antropomorfos) e 13. A maioria das figuras que chamaremos aqui "Urubu" pertence às famílias 1, 2, 4, 7 e 8. As gravuras da Unidade "Desenhos" pertencem quase todas às famílias 2 e 3. A Tradição São Francisco por sua vez, apresenta uma curva em todo ponto semelhante às do Malhador.

A fig. 12 mostra as curvas dos principais painéis da Lapa dos Cavalos I, onde alguns painéis tem grafismos de apenas uma tradição, enquanto outros conjuntos receberam pinturas de duas.

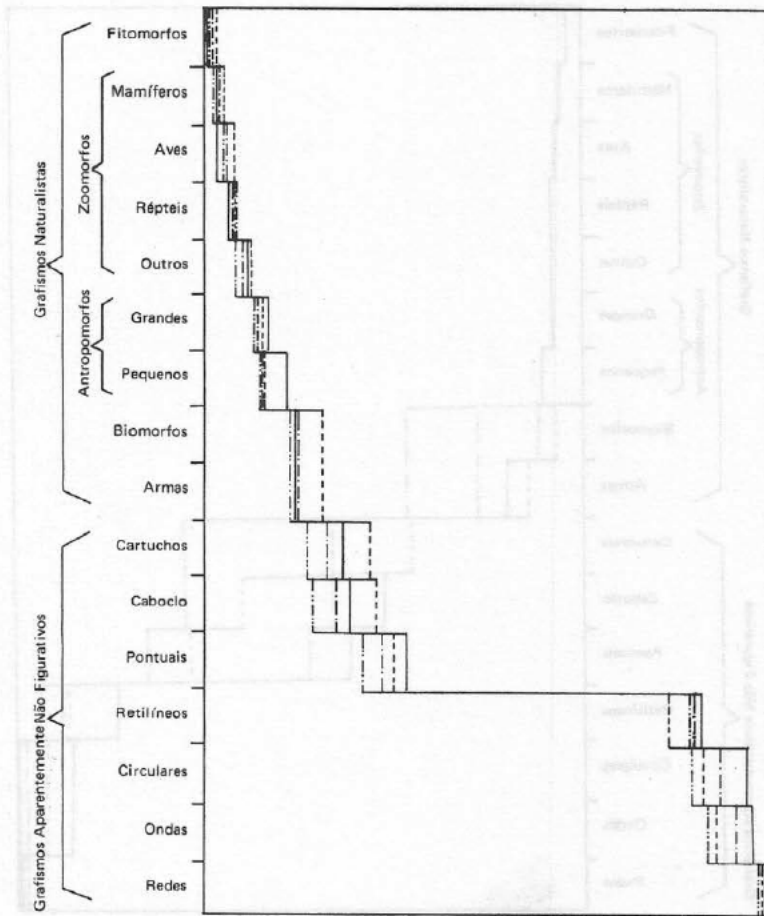
Mais uma vez, as curvas refletem fielmente esta realidade:

. Podemos notar que as curvas de quase todas as unidades sejam topográficas (painéis) ou cronológicas (Tradições) apresentam uma grande porcentagem de figuras da família 13.

Fig 9 MALHADOR



BOQUETE Fig 10



- Painéis
- I a VIII & XIV a XVI - 383 fig.
  - I a VI - (Direita) - 89 fig.
  - VII e VIII (Centro Direita) 111 fig.
  - XIV XVI (Esquerda) 183 fig.

Fig 11 DESENHOS PAINEL I

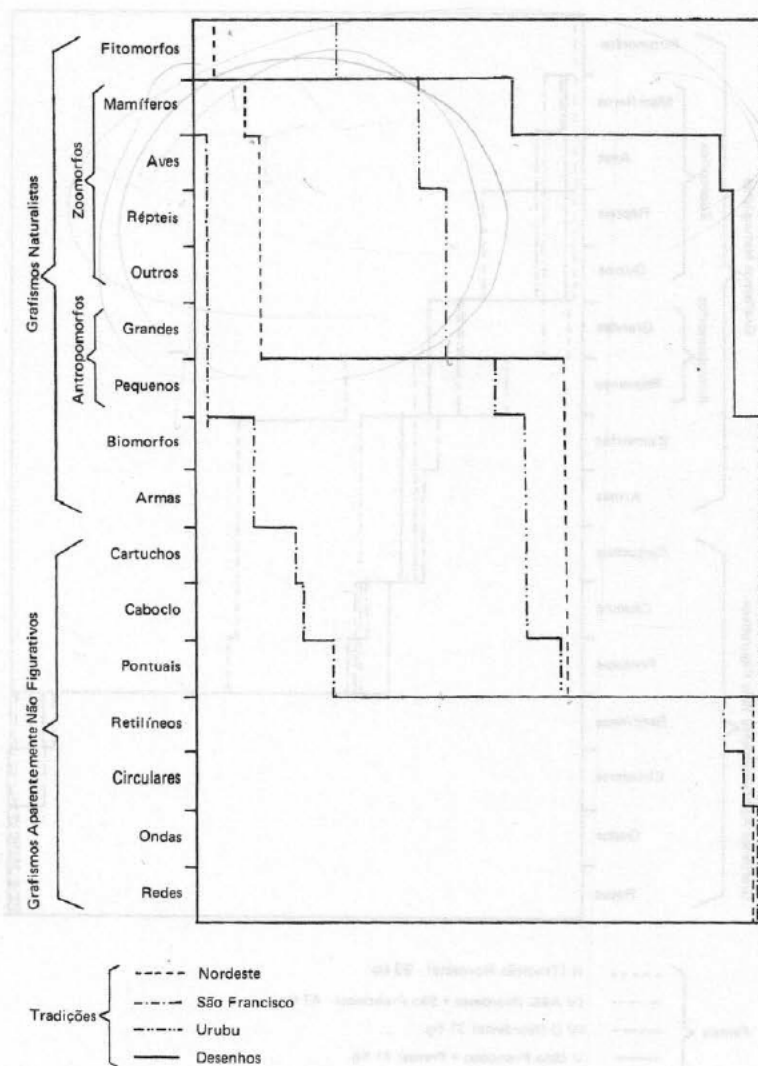
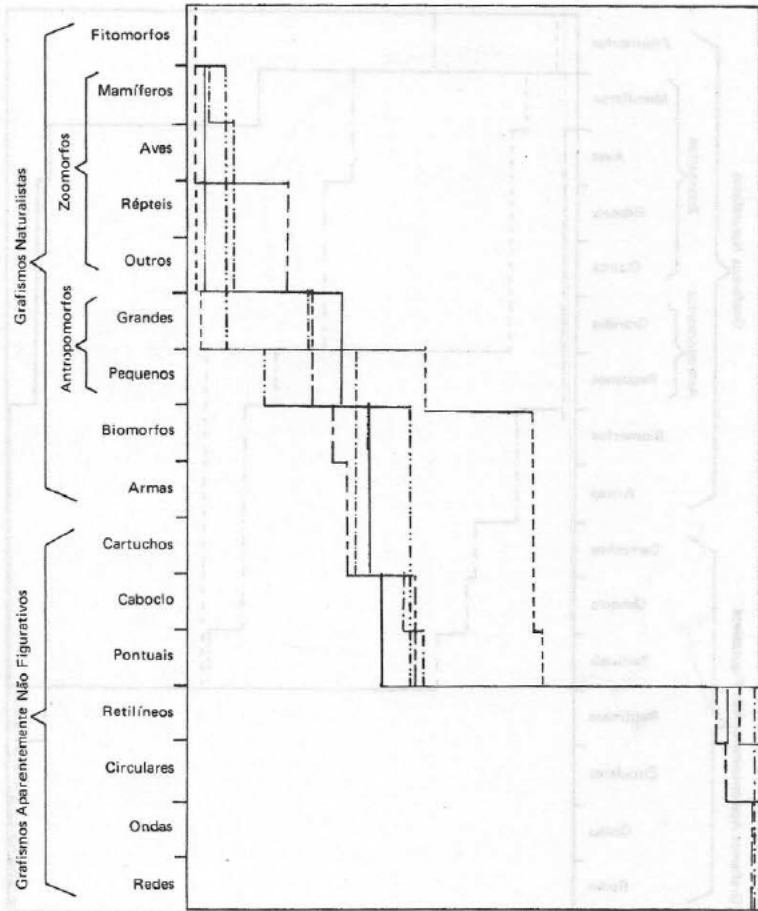


Fig 12 - LAPA DO CAVALO I



- Painéis
- II (Tradição Nordeste) - 93 fig.
  - IV ABC (Nordeste + São Francisco) - 47 fig.
  - IV D (Nordeste) 31 fig.
  - V (São Francisco + Pretos) 41 fig.
  - VIII (São Francisco) 24 fig.

Assim sendo, esta família, da maneira como foi definida, não é útil para o tipo de análise aqui proposto; portanto, os tipos de sinais que a compõem deverão ser distribuídos em outras famílias mais operacionais.

. Quando se trata de sítios "puros" ou onde domina claramente uma única das grandes Tradição reconhecidas em Minas Gerais, podemos identificar sua filiação a partir de famílias de figuras menos numerosas ainda. Por exemplo, comparando apenas as porcentagens relativas de zoomorfos, antropomorfos e "sinais" aparentemente não figurativos. O gráfico mais adequado para isto será o triangular, usual nas análises de sedimentos. No exemplo (fig. 13) verificamos a distribuição diferencial de sítios das Tradições Nordeste do Piauí (contagens feitas a partir de microfichas publicadas por N. Guidon e sua equipe), Planalto e São Francisco em Minas Gerais.

Evidentemente, uma análise baseada apenas nestas três categorias seria muito superficial; por exemplo, levaria a confundir as Tradições "Sumidouro" e "São Francisco", ou a Tradição Planalto e algumas manifestações ainda não definidas do Norte de Minas Gerais. Neste caso a utilização da lista tipológica completa numa curva cumulativa resolverá o problema.

## VI - ANÁLISE INTERNA DO CONJUNTO DE UM SÍTIO

Não detalharemos aqui este tipo de análise, pois vários trabalhos devem ser publicados nos próximos meses (particularmente com o relatório arqueológico das pesquisas em Santana do Riacho). A análise interna do sítio vai desde a relação entre as categorias de grafismos e a topografia deste, até a comparação entre os diversos painéis.

### a) Montalvânia

É evidente que a compartimentação natural de alguns sítios foi percebida e utilizada pelos homens pré-históricos. Nos abrigos da região central (ver o texto de M.E. Solá, na primeira parte) de Montalvânia, há uma nítida oposição entre as zonas baixas (e geralmente escuras), que foram exclusivamente gravadas, e as



partes altas verticais e iluminadas, que foram exclusivamente pintadas.

#### b) Santana do Riacho

No sítio de Santana do Riacho, com mais de cem metros lineares de painéis pintados e quase 2000 figuras registradas, a organização é muito mais complexa.

Podemos distinguir unidades topográficas distintas, porém simétricas, cada qual recebeu um tratamento gráfico especial, a qual reflete no entanto a mesma simetria.

O centro do sítio (P. VI) é uma pequena plataforma com temática peculiar: o teto do local é decorado por um grande número de peixes, "presos" dentro de uma grande rede, formando o conjunto mais destacado, nas imediações de uma cena de cópula (humana) e de casal de cervídeos. De cada lado desta pequena plataforma estende-se um corredor íngreme, com paredes inclinadas, que receberam poucas pinturas, bastantes simples. Saindo dos corredores, há dois grandes patamares, nos quais se concentram a maioria dos grafismos, pintados em paredes planas, e onde os cervídeos são as figuras principais em número como em tamanho.

No entanto, o tratamento preferencial é diferente, já que as figuras são chapadas no patamar da direita, e contornadas com preenchimento de traços no da esquerda. Em cada patamar, uma pequena zona recebeu figuras amarelas acrescentadas num período "tardio".

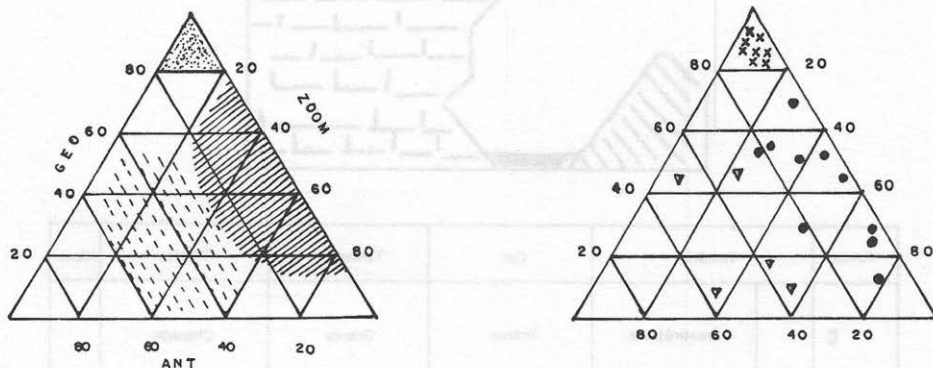
No interior de cada patamar também podemos encontrar subdivisões topográficas, temáticas e técnicas.

Assim sendo, Santana aparece como um conjunto articulado de unidades, em função das quais os pintores planejaram a "decoração", tornando o sítio "inteligível" para o analista, apesar de ser o resultado da atividade de várias gerações de "artistas". Estas impressões vem sendo testadas na análise sistemática do sítio.

#### c) Lapa "do Ballet"

Em publicação anterior (Prous, 1977), já mencionamos o caso da Lapa do Ballet (perto de Lagoa Santa) com seus seis painéis "naturais" horizontais retangulares escalonados, cada conjunto sendo

FIG. 13 - RELAÇÃO ENTRE OS GRAFISMOS ZOOMORFOS, ANTROPOMORFOS E GEOMÉTRICOS, NAS TRADIÇÕES PLANALTO, SÃO FRANCISCO E NORDESTE.



Tradição São Francisco - Sítios (x): Malhador, Indio, Caboclo, Boquete, Veado, Andrelândia.

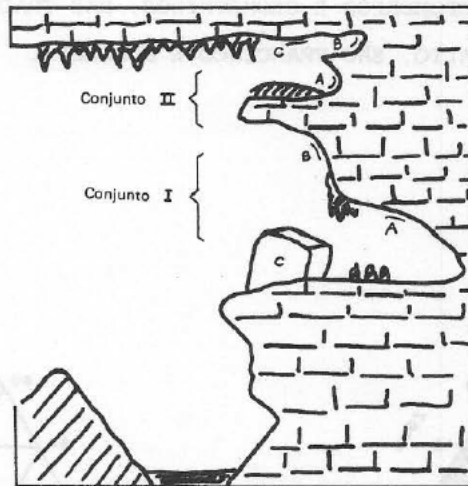
Segundo levantamentos provisórios do Setor de Arqueologia da UFMG.

Tradição Planalto - Painéis (.) dos Sítios Cerca Grande, Santana do Riacho e Caetano.

Segundo levantamentos da Missão Arqueológica Francesa de Minas Gerais.

Tradição Nordeste - Sítios (∇) Boa Vista, Baixão Verde, Paraguaio (B,H), Pajau. Levantamento feito pelo autor a partir das microfichas de N. Guidon & outros (Missão Arqueológica Francesa do Piauí).

Fig 14



Panel		Temática	Cor	Tamanho	Técnica	Ident.	
Conjunto I	Zoomorfos	C	Quadrúpede	Branco	Grande	Chapado	Tradição Planalto
		B	Quadrúpede	*	Médio	Contorno Grosso	
		A	Diversos	Ocre	Muito Pequeno	Contorno Fino c/Preenchimento	
Conjunto II	Antropomorfos	B	♀	Preto	Médio	Linear Filiforme	Facies "Ballet"
		A	♂				
		C	Parto				

\* Figura Vermelha entre 2 painéis.

caracterizado por uma temática, uma dimensão de figura constante, uma cor e um tratamento peculiar (ver fig. 14).

Cada painel é separado do seguinte por uma figura em vermelho.

Esta estrutura não parece ter sido projetada de uma vez na parede pois os grafismos dos painéis superiores pertencem a uma Tradição (Planalto) e os de baixo a outra (facies "Ballet", Tradição não definida).

De qualquer maneira, cada tradição organizou de forma lógica suas pinturas dentro do conjunto ocupado e a harmonia atual resulta de uma ocupação progressiva e ordenada do espaço, na qual cada pintor respeitou os grafismos já existentes, acrescentando os seus próprios de maneira a completar harmoniosamente a decoração da pequena gruta.

## VII - CONCLUSÃO

Cada abordagem ilustrada aqui foi um meio para procurar resultados específicos.

a) A análise de uma categoria tipológica como a das figuras de tipo "caboclo" ou de "pês" permite eventualmente

. Definir um conjunto estilístico por sua presença (num espaço ou num período definidos). Trata-se então de um estudo das similaridades entre conjuntos de grafismos.

. Definir características peculiares a um (grupo de) sítio ou a um momento cronológico. Trata-se agora de um estudo das diferenças entre os conjuntos comparados.

b) A análise da localização espacial de uma categoria tipológica ou de uma unidade estilística pode trazer informações tanto de ordem "semântica" quanto de ordem cronológica. As primeiras podem se referir a uma grande variedade de razões: desejo de se destacar especialmente certas figuras (pela altura, pelo suporte, pela posição mais ou menos central, etc.); desejo de articular, várias categorias tipológicas numa associação significativas, ou formando composições equilibradas, eventualmente simétricas, preocupação em reservar registros próprios para cartas temáticas etc. As

*Arq. Mus. Hist. Nat. UFMG. Belo Horizonte. 10:*

segundas são fornecidas pela decisão de se obliterar ou de conservar (ou até "reforçar" ou renovar) grafismos anteriores, ou de deixar espaço para futuras figuras, etc.

c) O estudo de um sítio como uma totalidade leva eventualmente a descobrir como o homem pré-histórico de cada época pode ter percebido e tratado o espaço topográfico como um conjunto orgânico.

Poderíamos ter multiplicado os exemplos, já que testes foram feitos tanto no norte e no sul quanto no centro Mineiro, mas o nosso propósito foi apenas mostrar aqui, como, saindo das simples contagens tipológicas, era possível vislumbrar novos caminhos que, esperamos, levarão a conhecer melhor as sociedades pré-históricas, através da sua projeção simbólica nos paredões do Brasil Central.

#### RÉSUMÉ

L'étude présente plusieurs exemples d'analyses d'arte rupestre, particulièrement choisis dans la région de Januária (Peruaçu). L'analyse stylistique d'un type de figure montre la plus ou moins grande parenté entre les sites. L'étude d'un autre type montre qu'il existe une relation entre les caractéristiques morphologiques et la hauteur à laquelle ces graphismes sont peints. D'autres analyses montrent que le choix et l'utilisation du support rocheux varient d'une Tradition rupestre à l'autre. On propose ensuite l'utilisation de graphiques cumulatifs et triangulaires pour la comparaison des graphismes de divers sites ou de leurs panneaux.